

## Entrevista com Gustavo Steinberg, roteirista e produtor de *Cronicamente Inviável*

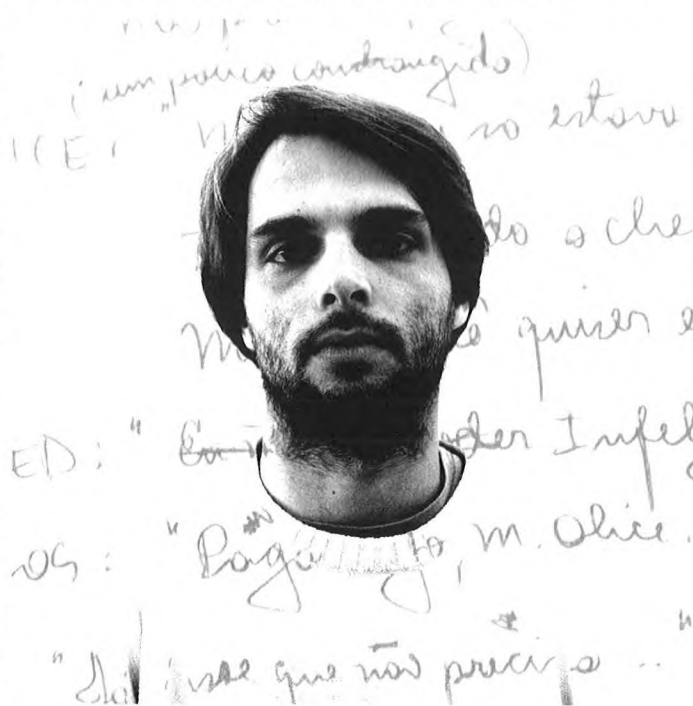
*O roteiro é peça central de um filme, aspecto em geral esquecido pelo público e comunidade cinematográfica. Um dos pontos altos de Cronicamente Inviável é seu roteiro: inteligente, irônico, agressivo. Sabíamos apenas que o co-roteirista do filme era um jovem de vinte e poucos anos, sem experiência anterior conhecida no cinema, que tinha escrito e publicado um romance. Queríamos entrevistar aquele que, em parceria com o diretor Sérgio Bianchi, havia escrito esse roteiro brilhante que traça um panorama cruel e abrangente do Brasil contemporâneo, que na sua negatividade radical apresenta um forte apelo moral.*

*Falamos com ele no telefone e percebemos uma notória consciência do tipo de roteiro escrito. A entrevista fica marcada para o sábado às três da tarde. Chegamos à sua casa situada numa rua tranqüila em Sumaré. Ele abre a porta. Parece ter entre 25 e 30 anos. Alto, magro, barba de três dias. Serve café e água. Ficamos na mesa da cozinha. O ambiente informal favorece a conversa informal, alimentada com tradicionais substâncias associadas antigamente a boemia, e hoje a doenças, como café e cigarro. Ligamos o pequeno gravador. Ele nos comenta que estudou quatro anos na Itália e que faz mestrado em Ciências Políticas na PUC/SP. O entrevistado: Gustavo Steinberg, 26 anos, roteirista do melhor longa-metragem brasileiro de ficção dos últimos doze anos.*

**Sinopse:** Como foi o processo de

escrita do roteiro?

Gustavo: Escrevemos uma base, e o resto foi sendo escrito enquanto Sérgio ia filmando.



Cada vez que se parava de filmar refazíamos o roteiro. Foi uma loucura.

**S- Parava de filmar por falta de dinheiro ou planejamento?**

G- Falta de dinheiro. Começava e parava, várias vezes. No começo ainda tinha expectativa de que desse para filmar tudo com

o dinheiro captado, depois... acho que o Sérgio não tinha notado como ficou mais caro filmar. Quando filmamos carnaval em Salvador e Rio de Janeiro gastou-se uma fortuna. Eu só peguei a produção na metade do filme. Voltando ao roteiro, uma das colaborações do Joao Emanuel Carneiro (roteirista de *Central de Brasil*), é o fato de que o professor, Alfredo, seja traficante de órgãos. Uma sacada hollywoodiana que acho ficou boa. Na última fase da filmagem decidimos colocar o Alfredo com a maleta ali no Cristo.

A outra idéia que tínhamos para o Alfredo era que ele perdia a perna e chegava no restaurante como amigo, sem perna, acabado. Colocamos a maleta no aeroporto de Rondônia e no Cristo, na última etapa de filmagem.

**S- Então nunca houve um roteiro completo.**

G- O ponto de partida foi um roteiro de Sérgio e Bea Bracher chamado *Discussões Vagabundas*, que tem o restaurante, a personagem do Luis (Cecil Thiré), que tenta se cercar com coisas sofisticadas para que a violência não chegue nele. Tinha um casal, mas de classe alta, não de classe média alta como a Maria Alice (Betty Gofman) e Carlos (Daniel Dantas).

**S- Inicialmente a proposta era fazer um**

roteiro que desse conta da situação do país?

G- Desde o início a proposta era fazer um painel do Brasil. E o Sérgio quando falava de um bom filme que tinha feito, falava da experiência de *Mato Eles?* (documentário, 1982). Ele filmou um monte de coisa e ficou meses montando o material. Aqui dividimos a história em blocos, que tinham maleabilidade. Quando parávamos de filmar - por quatro, cinco meses - reescrevíamos o material, porque como Sérgio falava, "nunca tá bom, nunca", até a hora de filmar. Uma vantagem desse processo é que a gente já tinha estudado o que certo ator fazia com o texto. Com o Dan Stulbach (o polaco Adam), por exemplo, mudamos o texto para adaptá-lo seguindo seu perfil. O roteiro foi então sendo construído enquanto o filme estava acontecendo. E parte do processo de montagem já tinha começado, o Paulo ia limpando, selecionando o material.

S- Um dos pontos fortes do filme são as vozes *over* que comentam as situações.

G- O texto dessas vozes a gente mudou até o final, até o último dia de montagem. A voz *over* que comenta, que é do Alfredo (Umberto Magnani), funciona de maneira de que você nunca sabe se a voz é do personagem ou do diretor. E as coisas que ele fala são propositadamente ambíguas. Além disso, há uma voz *over* do Adam (Dan Filip Stulbach), no ônibus, quando fala da humilhação de viajar apertado três horas, e da Maria Alice

(Betty Gofman), quando dá os presentes para as crianças e fala em *over* que o governo deveria dar assistência para as crianças, crack.

S - Vocês tinham desde o início essa intenção agressiva, de fazer um retrato de uma sociedade injusta, absurda?

G- Sim. Tem cenas fundamentais que ilustram essa intenção que já constavam no



roteiro antes de começar a filmagem, como os atropelamentos, ou a infância da gerente do restaurante, Amanda, o texto do carnaval, o Carlos (Daniel Dantas) dirigindo e falando do trambique.

S - Um dos pontos fortes do filme é localizar os sem-terra no sul do país, e ir para Amazônia, e não escolher o sertão,

cenário clássico do cinema novo.

G- O sertão, o Brasil mítico.

S - Ao ir para Amazônia vocês apontam um dos lugares onde estão se cometendo os maiores desastres do país hoje, a destruição total do meio ambiente. E um dos aspectos mais interessantes do filme é que o diagnóstico cronicamente inviável não se limita ao Brasil, senão se estende ao ser humano como espécie. Uma visão pessimista do homem, descrito como um ser que não pára de destruir. Na seqüência da Amazônia o discurso do filme atinge explicitamente uma abrangência universal.

G - Sem dúvida, nesse clipe gótico de destruição estávamos generalizando para a espécie, dentro de circunstâncias específicas de uma sociedade que tenta faturar acima dessas características particulares. Nesse ponto aí eu e o Sérgio coincidimos totalmente. Eu identifico como genealogia de todos esses discursos circunstanciais, - brasilidade, dificuldades econômicas - a destruição. Acho que a destruição pela destruição, é uma característica forte do Brasil que é dissimulada ou colocada como característica social. O prazer de destruir é enorme. A gente não conseguiu colocar um décimo da sensação de estar na Amazônia. Lá a terra queimava, não dava para respirar, eles botam fogo à noite. Aquelas montanhas e vales de terra, em Rondônia, já foi o garimpo maior do mundo e um dos lugares com maior incidência de malária. Agora não tem

ninguém porque o mineral ficou muito profundo e só tem algumas pessoas que catam os restos do que a máquina garimpa. Aquilo é um cenário de pesadelo.

**S - E aquelas imagens da Amazônia alagada?**

G- Aquilo é uma represa. E é lindo, isso que é terrível. Tem um monte de árvores queimadas que morreram no alagamento, embora não deixam cortar...

**S- Porque não deixam cortar?**

G- (risos) Porque é proibido!

**S- Houve problemas para filmar no garimpo?**

G- Não. Onde tivemos problemas foi na carvoaria, a infância de Amanda (Dira Paes), no Matto Grosso. Semanas antes a Globo tinha ido e feito uma reportagem sobre escravidão infantil. Nós fomos lá e não encontramos o dono. Quando nos viram com um monte de crianças (figurantes) saíram com espingardas, achando que íamos denegrir a imagem deles. A gente falava "Não somos televisão, a gente é cinema, não tem problema, ninguém vai assistir." E eles insistiam dizendo que éramos da Globo, não tinha jeito, tínhamos câmara, tínhamos que ser da Globo.

**S- Uma coisa que espanta é como *Cronicamente Inviável* é considerado um filme não comercial.**

G- É surreal. Se você faz um filme de época, gasta milhões e aparece em revistas, é

comercial, mesmo que depois o filme não tenha público.

**S - O filme sustenta a visão de que todos os problemas do Brasil dão lucro.**

G- Há algumas pessoas que lucram profundamente com isso. Uma característica bem complicada de nossa sociedade é que todo mundo tenta objetivamente ver em que momento vai conseguir se encaixar para



faturar. O mundo inteiro tem isso, mas aqui virou regra. Daí a fala de Carlos (Daniel Dantas): "*Todo mundo é trambiqueiro*". E todo mundo se justifica. É um sistema em que o trambique vira sobrevivência.

No filme, como roteirista, eu quis me opor a certas questões que hoje não são questionadas. Hoje a liberdade de consumo e a única que interessa, a igualdade já foi... e coligado com isso o lucro é a única justificativa

de existência. Consumo visando o lucro e vice-versa. E por trás a destruição de tudo. O que as pessoas parecem ter esquecido é que o lucro existe somente para algumas pessoas, ele é excludente por natureza. Hoje eu acho uma obrigação moral se contrapor a certas coisas que dominam a existência: o poder etéreo do capital, a informação coletiva, a transcendência pelo consumo, ao fetiche da mercadoria. Como diz o Carlos no filme, "*Escravo é valor de uso, office boy é valor de troca.*" Por mais arcaico que Marx esteja, sua crítica ao capital não pode ser abandonada. O que me agrada de *Cronicamente Inviável* é sua contundência.

**S - Gustavo, planos futuros...**

G- Primeiro eu tenho que entregar minha tese de mestrado num mês. Tenho com Alexandre Stockler, um roteiro de longa, *Cama de Gato*. Eu gostaria de continuar escrevendo roteiros e romances - *Prazeres da Solidão* é meu primeiro romance. Eu não tenho intenção de dirigir, o que é complicado porque no cinema brasileiro roteirista não é valorado. Eu até gostaria de fazer um longa de baixo orçamento, não de um milhão, isso não é baixo orçamento. 200 mil é baixo orçamento, ou seja, 100 mil dólares. Talvez utilizando câmera digital. Eu gostei muito de *Os Idiotas (Lars Von Trier)*. Mas não adiante se iludir, fazer um longa ocupa no mínimo de dois a três anos. Eu preferiria continuar escrevendo. Mas aqui parece uma ditadura, ou você é diretor ou você não é nada. O ideal seria fazer uma parceria com algum diretor.